

ARQUEIRO



ARQUEIRO

ISSN 1518-2495

GOVERNO DO BRASIL
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fernando Henrique Cardoso

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Paulo Renato Souza

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
Marilene Ribeiro dos Santos

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Stny Basilio Fernandes dos Santos

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
Solange Maria da Rocha

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS
Leila Couto Mattos

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Mônica A. de Carvalho Campello

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos — INES
Rio de Janeiro — Brasil

PRODUÇÃO GRÁFICA
I Graficci

TIRAGEM
4.000 exemplares

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO
Professor André Luiz da Costa e Silva / Psicóloga Carla Verônica Machado Marques
Fonoaudióloga Leila Manhães de Paula / Fonoaudióloga Marisa M. Viola
Fonoaudióloga Mônica A. de C. Campello / Professora Simone Ferreira Conforto
Professora Solange Maria da Rocha

Contribuições, bem como pedidos de remessa deverão ser encaminhados para:



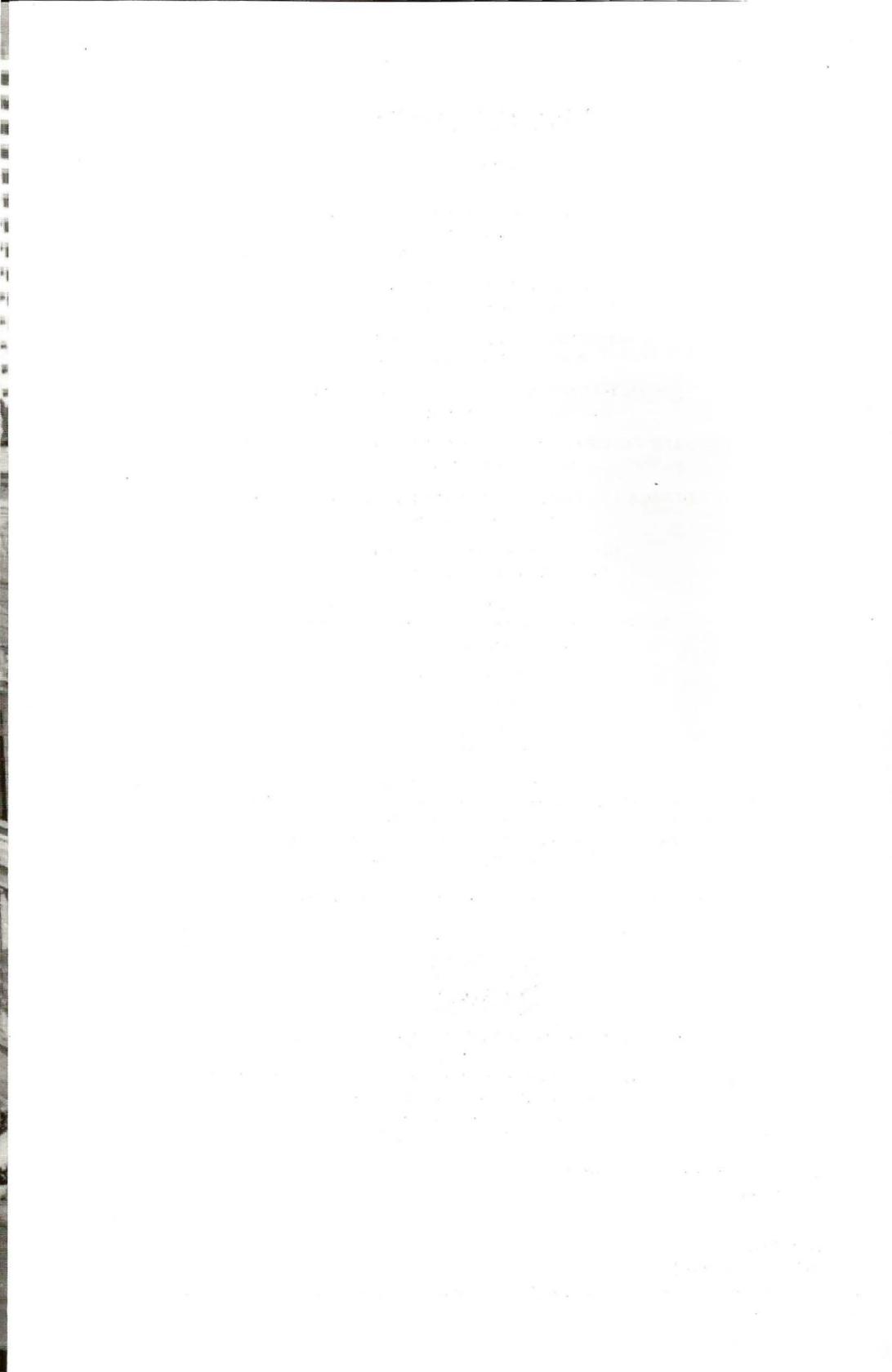
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Comissão de Publicação

Rua das Laranjeiras, 232 — 3º andar CEP 22240-001 Rio de Janeiro/RJ — Brasil
Telefax: (0xx21) 285-7284 / 285-7393 / 285-5107
e-mail: ddhct1@ines.org.br

Arqueiro
vol.2, (jul/dez) Rio de Janeiro
INES, 2000

Semestral
ISSN 1518-2495

1 – Arqueiro – Instituto Nacional de Educação de Surdos



ÍNDICE

EDITORIAL	5
O TELEJORNAL NA SALA DE AULA Angelina Cardoso Cufaro e Marisa Pinheiro de Oliveira Fernandes	7
DA CIDADANIA E DA EXCLUSÃO Simone Ferreira Conforto	12
MAPAS DE COMUNICAÇÃO: UMA DAS FORMAS DE INCLUIR A FAMÍLIA NO PROCESSO EDUCATIVO DO SURDOCEGO E DO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL Ana Maria de Barros Silva, Angela Teixeira Senise, Helena Burgés Olmos, Lilian Basso, Márcia Mara Storino e Maria Aparecida Cormedi	16
HISTÓRIA DO MENINO CERÚMEM Edite T. da Silva, Ione Machado, Lúcia Helena Gomes, Márcia da Cruz, Maria Inêz M. Cardoso e Nely Matter	21
DRAMATIZAÇÃO SILENCIOSA Márcia Elisa Fraga Gomes e Vanda Robaina Neumann	31
QUE PALAVRA FALTOU EM SEU TEXTO? Maria Lúcia Martins da Cunha	35
ESTUDANDO BIOLOGIA ATRAVÉS DA INFORMÁTICA Monique de Mattos Couto e Maria Lúcia Martins da Cunha	38



EDITORIAL

ARQUEIRO

Apresentamos este segundo número, um espaço destinado a divulgar práticas educacionais com aprendizes surdos

Buscamos aqui, refletir e socializar experiências diversas, compondo um mosaico de criatividade nesta diversidade chamada realidade brasileira que pretendemos, com nossa inquietação, transformar.

Solange Maria da Rocha



O TELEJORNAL NA SALA DE AULA

Angelina Cardoso Cufaro* e Marisa Pinheiro de Oliveira Fernandes**

I- INTRODUÇÃO

O TELEJORNAL NA SALA DE AULA é um projeto em desenvolvimento no curso noturno de uma escola municipal para deficientes auditivos em S. Bernardo do Campo, iniciado em fevereiro de 2000, tendo como elementos envolvidos 20 alunos jovens e adultos semi e não-alfabetizados, cujas idades variam entre 18 e 34 anos, sendo a surdez de grau profundo predominante no grupo.

Partindo do desejo do grupo de conhecer os fatos locais e mundiais, resolvemos proporcionar condições para que estes alunos se inteirassem dos fatos através da apresentação diária do telejornal, encaminhando-os a uma reflexão crítica, com vistas à formação para a cidadania, contribuindo para que se tornem agentes transformadores e construtores do próprio conhecimento, além de desenvolver e aprimorar de forma significativa sua competência lingüística em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Para que nossos objetivos se efetivassem, foi necessário que o binômio Pedagogia e notícia se integrassem de forma a atingirmos o que chamamos de alfabetização social, pois mais do que a leitura da palavra, ao aluno está sendo oferecida a oportunidade de desenvolver a capacidade de ler o mundo através do julgamento crítico dos fatos, observando, discutindo, aprimorando suas idéias no confronto com a opinião do outro. Acreditamos assim, estar cumprindo uma das mais ricas tarefas da escola: educar para a educação contínua.

II- DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Escolhemos o telejornal como instrumento de transmissão das notícias, porque a televisão nos fornece recursos de cunho visual, os quais são fundamentais no processo de recepção das informações pelo surdo, por encontrar-se impedido de recebê-las através da via auditiva; como cita o professor José Manoel Morán: *"...a televisão explora basicamente, o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores e as relações espaço-temporais..."*

Além dos obstáculos próprios da surdez, há também limitações causadas pelo não-letramento, por tratarem-se de alunos, em sua maioria não-alfabetizados, tornando, de certa forma, inviável o uso restrito de notícias escritas, como no caso dos jornais, revistas e outros.

*Pedagoga habilitada em EDAC das Prefeituras de S. Bernardo do Campo e de Diadema e Psicopedagoga do grupo Ponte da Pré-Escola "Lugar de Vida"- USP

**Pedagoga habilitada em EDAC das Prefeituras de S. Bernardo do Campo e S.Paulo

Através desse projeto, os alunos estão despertando interesse também pelas notícias escritas, relacionando-as às informações obtidas pelo recurso televisivo. Visto que: *“A capacidade de ler e escrever (literacy) não é simplesmente uma habilidade mental isolada de qualquer outra coisa. É a capacidade de utilizar e explorar um conjunto de recursos culturais. A evolução, desses recursos junto com o conhecimento e a habilidade de explorá-los em função de determinadas metas, é o que forma a capacidade de ler e escrever”* [Rodrigo, M.J.et alii (1998)].

A idéia envolvendo o trabalho com o telejornal em sala de aula, surgiu no final do ano de 1999, quando, atendendo às solicitações dos alunos, apresentamos um noticiário, integralmente traduzido em Língua de Sinais. No final da programação, o grupo pediu que repetíssemos a atividade durante a semana, pois queriam ter acesso às notícias, pois o fato de não ouvir e de não conseguir ler as legendas transmitidas durante as programações do Jornal Nacional, Rede Globo, os impedia de saber o que ocorria no Brasil e no mundo estando em suas residências, visto que a maioria não conta com membros da família que possam traduzir, ou por falta de tempo, impaciência e/ou falta de conhecimento da Língua de Sinais.

No início do ano letivo, sistematizamos as idéias e tornamos diárias as apresentações. Notamos então, que as notícias poderiam ser transformadas em narrativas através das quais os alunos seriam estimulados a perceber a problemática do fato. Adotada essa postura, o diálogo tornou-se a base, e o questionamento, o detonador do pensamento, pois como afirma Paulo Freire: *“Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e releitura do grupo, provocá-lo, bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto”*.

Os temas discutidos são utilizados de forma transdisciplinar contemplando os conteúdos curriculares das diversas áreas do conhecimento. Temas de cunho ético, os quais envolvem valores nem sempre claros para a compreensão dos nossos alunos ou para a nossa própria; questões sobre meio ambiente, sexo, drogas, Aids, política, economia e outros, são amplamente discutidos no decorrer de cada aula. O que está em jogo não é a formação de um senso comum mediante a obtenção de uma única resposta aos problemas percebidos, mas a construção de opiniões conscientes derivadas de um pensamento autônomo.

III - O PROJETO

OBJETIVO GERAL

O TELEJORNAL NA SALA DE AULA tem como objetivo, criar espaços para promover a prática do pensar crítico-reflexivo mediante a problematização das informações transmitidas por meio da notícia televisiva, a produção do discurso, bem como a ampliação da competência lingüística em LIBRAS.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Promover o desenvolvimento da capacidade cognitiva conduzindo-os a um pensamento autônomo capaz de:

- observar sistematicamente os fatos;
- perceber o problema;
- julgar e estabelecer valores;
- criar alternativas;
- argumentar sobre suas idéias;
- re-significar os conceitos.

PLANO DE AÇÃO

O TELEJORNAL NA SALA DE AULA é desenvolvido em três momentos:

1º Contato com a notícia

Os alunos assistem à transmissão do telejornal, o qual é simultaneamente traduzido em Língua de Sinais.

2º Retrospectiva

A fim de garantir uma real compreensão do que foi transmitido, realizamos um momento de retrospectiva, no qual os alunos retomam as notícias. Caso haja alguma distorção, as correções são feitas pelos próprios alunos ou pelo professor.

3º Fórum de discussões

O grupo se organiza em círculo junto aos professores e damos início às discussões. Os alunos são convidados a escolher o assunto de maior destaque e a tecer comentários a respeito. Ao professor fica o papel de argumentador e problematizador das situações, e neste momento, esta função tem sido exercida pelos próprios alunos. É importante que o professor tenha claro qual o tipo de habilidade que pretende que o aluno desenvolva, bem como os valores que permeiam a questão. Em suma, o papel do professor é o de desequilibrador, levando o aluno à re-significação do pensamento. Neste caso não existem erros nem acertos, o que está em questão é a capacidade de refletir, julgar e argumentar criticamente.

A discussão somente se encerra quando todas as possibilidades de instigação e reflexão estiverem esgotadas neste contexto.

Muitos dos temas são levados e trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa, na produção e leitura de textos, em Matemática, Ciências e demais áreas do conhecimento.

TEMPO DE DURAÇÃO:

Utilizamos o tempo de 45 minutos, aproximadamente, na transmissão do telejornal e uma hora, aproximadamente, no desenvolvimento do fórum de discussões.

AValiação

As avaliações ocorrem de forma contínua no processo, através da observação sobre as argumentações feitas pelos alunos, o nível e o tempo de atenção de cada um, as transferências e/ou associações entre as notícias e o desempenho do aluno, a fim de verificar as relações entre o desenvolvimento do pensamento reflexivo e a produção de discurso nas diferentes áreas do conhecimento.

CONCLUSÃO

Fomos buscar na Psicanálise lacaniana alguns pontos fundamentais para sustentar o nosso trabalho

1. *Educação com enfoque no sujeito* que se constitui na linguagem; um sujeito que não coincide com o sujeito do cogito da filosofia cartesiana, nem com o sujeito epistêmico de Piaget, ou nem com o do comportamentalismo de Watson: sujeito que é feito e efeito da linguagem, a qual “*não é instrumento de comunicação, mas a trama que o constitui*” [Kupfer, M.C. (200)]. Cortamos o vínculo com aquela concepção de educação que Freire Costa (1986), chama de psicológica, aquela que forma o *tipo psicológico ordinário*, cujo perfil é moldado segundo a classe social ou grupo cultural hegemônico, para investirmos na relação do sujeito com a sua verdade. Verdade esta construída entre risos e lágrimas, por sua história de vida, transmitida através do discurso, que tem sua materialidade nos códigos socialmente estabelecidos, de acordo com cada comunidade lingüística. Em síntese soltamos as amarras da escola tradicional para termos como eixo norteador, a prioridade do *sujeito sobre o objeto, da análise do discurso* por onde perpassam a cultura e o conhecimento, *sobre os conteúdos estanques*, propiciando condições (instrumento telejornal) para que o surdo se instale e apreenda o discurso social escolar, construindo um marco de referência conceitual, que possa ser utilizado em diferentes domínios do conhecimento. Enfim, um pensar que faça ponte entre os conhecimentos cotidianos e os acadêmicos, num discurso em que *ele é o próprio autor*.

2. *A Educação é concebida como um discurso social*, segundo [Kupfer, M.C.] nessa perspectiva em que “*educar é a prática social discursiva responsável pela imersão do sujeito na linguagem, tornando-o capaz de produzir discurso...*”, a escola é considerada como o lugar onde se educa, passa a ser o espaço historicamente constituído e autorizado do discurso social, no qual permeiam valores, ideologias etc., sendo importante observarmos como o surdo se instala nesse discurso, e como faz ou não, parte da cena discursiva, geralmente construída de e para ouvintes. O problema da aprendizagem justamente aparece localizado no ponto de articulação entre o sujeito e o discurso social que o determina, confronta, e, às vezes, o exclui.

Esse ponto de articulação pode ser de conflito, de paralização do aluno frente ao desejo de saber. E foi nessa situação de cristalização, de anorexia de saber, que encontramos o nosso aluno. O telejornal sendo um discurso

que se materializa pelo lingüístico (traduzido para Libras) e pelo visual, foi o instrumento utilizado para resgatarmos a presença e a inserção do surdo na cena discursiva, posição esta, estabelecida pelas relações construídas por ele, entre linguagem, pensamento e mundo.

No final do primeiro semestre, observamos que os objetos específicos haviam sido atingidos, pois, todos os alunos, com exceção de dois, alfabetizados ou não, com pouca ou muita fluência de LIBRAS estavam observando e relacionando sistematicamente os fatos, percebendo e reinventando os problemas, julgando e estabelecendo valores, criando alternativas, argumentando sobre suas idéias, ressignificando conceitos, participando e marcando sua presença na cena discursiva, social e política transmitida pelo telejornal e também por sua comunidade, conquistando o respeito dos colegas dos ciclos superiores e de si mesmo, como cidadãos pensantes capazes de se inserir e produzir discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freire Costa, J. Saúde mental, produto da educação? Em: *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- Kupfer, M.C. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. S.Paulo: Escuta, 2000.
- Morán, J.M. *Video na sala de aula*. Em: Rev. Comunicação e Educação, ECA/USP. jan., 1995.
- Rodrigo, M.J. *et alii Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança*. S. Paulo: Editora Ática, (p.122) 1998.

DA CIDADANIA E DA EXCLUSÃO

*Simone Ferreira Conforto**

"O Estudo das Ciências permite conhecer o mundo material. O estudo das letras desvenda o mundo das formas e das idéias: a história introduz o aluno no mundo social e político".

Charles Seignobos¹

Ideologia e currículo não podem ser vistos separadamente, por isso o processo de aprendizagem deve ser visto de forma dinâmica e problematizada e a discussão sobre conceitos de cultura, classes sociais, capitalismo e exclusão deve estar inserida no processo de criação de sentidos e significação.

A partir da proposta de contextualização no tratamento dos conteúdos curriculares, onde os conceitos visam formar competências mais duradouras e o programa curricular é compartilhado dentro de um Currículo que privilegia conceitos, passo a relatar o processo de discussão intitulado: Da Cidadania e da Exclusão. Esta experiência aconteceu nas aulas de História, ministradas para a turma do primeiro ano do segundo grau do INES e dentro do programa de leitura de jornais e montagem de murais sobre os artigos trazidos pelos próprios alunos.

A partir de um artigo trazido por um aluno, da revista ISTO É, o mesmo foi repassado para a classe, desencadeando as seguintes discussões:

- Como as pessoas podem viver no lixo?
- Como se alimentam de lixo?
- Como se vestem de lixo?
- Que condições de vida nosso país oferece?
- O que realmente desencadeia fenômenos como esses?
- O que é diferença social?
- Quais são as suas conseqüências?

Estas discussões nos levaram a refletir sobre as dificuldades de um país como o Brasil, que atravessa uma crise tão profunda em meio à crise mundial.

Vários alunos trouxeram informações a respeito do assunto. Eles contaram sobre os lixões de Caxias onde famílias inteiras viviam no lixo. Nós nos perguntamos sobre o que fazer para, de alguma forma, modificar esta situação.

**Professora de História no 1º e 2º Graus do INES habilitada em Ciências Sociais (UFF) e Fonoaudiologia, com pós-graduação em Psicomotricidade.*

¹ *In: Oficina da História, p. 131, François Furet, 1789.*

Por decisão do grupo, foi elaborado um questionário como roteiro de pesquisa, visando entrevistar aquelas pessoas, entrar em contato com elas para que pudessem visualizar mais de perto suas angústias, suas perspectivas de vida e o que buscam para o futuro. Baseados no tema Capitalismo e Exclusão Social, conteúdo trabalhado no mês de novembro/99, cogitou-se no desenvolvimento teórico, alguma forma de ajudar a sanar estes desvios da sociedade em que vivemos.

Os próprios alunos propuseram que cada um trouxesse um gênero alimentício para a entrevista e pudessemos, então, contribuir com uma cesta básica para essas famílias.

Construímos um roteiro de entrevista:

1. Nome?
2. Idade?
3. Você estuda ou já estudou?
4. Família?
5. Casa?
6. Como é sua vida?
7. Você tem trabalho?
8. Como você come?
9. Você passa fome?
10. Como você faz quando está sem dinheiro?
11. Você gosta de sua família?
12. Você está contente com esta vida?
13. Como mudar de vida?
14. Onde você dorme?
15. Você gosta de dormir lá?

Este roteiro foi feito pelos próprios alunos no quadro de giz. Cada um trouxe perguntas e dúvidas e eles mesmos digitaram o roteiro.

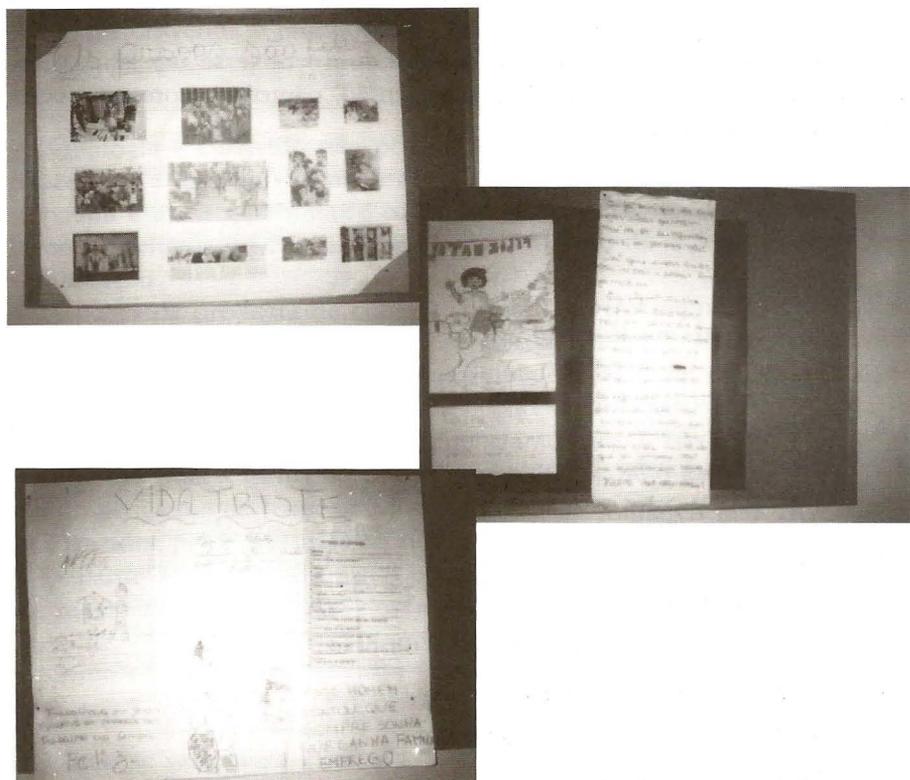
Ficou decidida uma visita ao lixão de Caxias, contudo por questões de ordem prática, decidimos entrevistar as crianças da rua e os catadores de lixo aqui perto da própria escola, no Largo do Machado e no bairro de Laranjeiras, pois assim o grupo estaria todo junto com a professora como intérprete.

AS ENTREVISTAS:

O grupo se dirigiu para as ruas e abordou crianças carentes que encontrou. Cada aluno fazia uma pergunta e a professora ia traduzindo.

Os alunos anotavam as respostas e as curiosidades a respeito dos entrevistados, em seus roteiros.

Após as entrevistas o grupo discutiu e montou trabalhos e os seguintes murais:



Nessas entrevistas entendemos como as crianças foram excluídas de suas famílias por motivos sociais e financeiros, já que precisavam *batalhar* na zona Sul o dinheiro que sua família de desempregados não conseguia ganhar.

Entrevistamos também um catador de lixo, que tinha uma família no Nordeste, que já foi mendigo e agora cata sucata nas ruas do Rio de Janeiro.

Através dessas vivências, os próprios alunos puderam concluir e conceituar Exclusão Social e Miséria.

Houve reflexão sobre a necessidade de lutar e resgatar nossos direitos enquanto cidadãos.

Esta reflexão e as ações dela advindas contribuíram para que os alunos, de forma crítica e criativa, buscassem soluções para problemas e discutissem os conceitos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Teves Ferreira, N. *Cidadania*. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1993.
- Furet, F. *A Oficina da História* (Apostila) (p.131), 1789.
- Freire, P. *Poder, desejo e Memórias*. Ed. Artes Médicas. McLaren, P. (org.), Leonard, P. e Gadotti, M., 1998.
- Giroux, H.A. *Os Professores como Intelectuais — Rumo a 1ª Pedagogia Crítica da Aprendizagem*. Ed. Artes Médicas, 1997.

MAPAS DE COMUNICAÇÃO: UMA DAS FORMAS DE INCLUIR A FAMÍLIA NO PROCESSO EDUCATIVO DO SURDOCEGO E DO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL

*Ana Maria de Barros Silva, Angela Teixeira Senise, Helena Burgés Olmos, Lilian Basso, Márcia Mara Storino e Maria Aparecida Cormedi**

Relataremos a experiência de trabalho com os MAPAS DE COMUNICAÇÃO em nossa escola, ADefAV, dos quais tomamos conhecimento através de sua autora, a Dra. Maria Bove, consultora do Programa Hilton Perkins para a América Latina, que há seis anos nos fornece subsídios técnicos para o trabalho com surdocegos e múltiplos deficientes sensoriais. Este trabalho é denominado pela autora de LIVRO del OSO (Livro do Urso). Temos aplicado e desenvolvido essa técnica desde 1999 na ADefAV. Entre tantas buscas para sensibilizar pais e familiares, os mapas se mostraram como uma estratégia de trabalho efetiva para a participação dos familiares no processo educativo.

A ADefAV — Associação para Deficientes da Audiovisão, foi fundada em 1983, em São Paulo, com o objetivo de atender alunos surdos, surdocegos e múltiplos deficientes sensoriais. Atualmente atende a 90 alunos, sem limite de idade, distribuídos em cinco tipos de atendimento:

- intervenção precoce (0 a 3 anos);
- atendimento individual (surdocegos e múltiplos deficientes sensoriais, sem limite de idade);
- atendimento em grupo (escolaridade de surdos, de surdocegos e de múltiplos deficientes sensoriais);
- educação e preparação para o trabalho (jovens surdos, surdocegos e múltiplos deficientes sensoriais);
- orientação domiciliar.

Oferecemos à comunidade o curso de Libras (Língua dos Sinais), supervisão e curso de formação de profissionais para o trabalho com surdocegos e múltiplos deficientes sensoriais.

Nosso trabalho escolar diferencia-se de muitas outras escolas especiais pela utilização de metodologia educacional e de comunicação específicas para os surdocegos e múltiplos deficientes sensoriais.

* (Equipe Técnica da ADefAV — Associação para Deficientes da Audio-Visão — SP)

São características de nossos programas pedagógicos:

- *individualização*, até mesmo nos atendimentos grupais, atendemos às necessidades de desenvolvimento e de comunicação de cada aluno.
- *significação*: priorizamos a elaboração de programas funcionais, não apenas integrando as diversas áreas do desenvolvimento, mas com atividades que tenham significado e sentido, diante do cotidiano do aluno.
- *comunicação pré-lingüística*: muitos de nossos alunos encontram-se em uma fase de desenvolvimento que os impossibilita de compreender símbolos ou representações lingüísticas estruturadas, tais como fala, Língua de Sinais, ou mesmo sistemas alternativos de comunicação como o Bliss ou PCS. Baseamos o desenvolvimento de sua comunicação em estruturas pré-simbólicas de comunicação. Para tal, utilizamos recursos como: pistas táteis, pistas olfativas, gestos contextuais e naturais, objetos representativos e calendários de antecipação.
- *atuação adequada*: Van Dijk, pioneiro dessa metodologia, definiu as fases da comunicação, nas quais o aluno está inserido em determinado momento ou atividade. Estas fases determinam a conduta e a forma de atuação com que o professor deve trabalhar com o aluno. São elas: a nutrição, a ressonância, a co-atividade e a imitação.
- *ação com os pais*: com o objetivo de apoiá-los, sensibilizá-los e conscientizá-los das dificuldades e potencialidades do filho, pretendemos que a família se torne apta a participar junto à escola, do programa desenvolvido.

MAPAS DE COMUNICAÇÃO

Temos utilizado os MAPAS DE COMUNICAÇÃO com o objetivo de obter dados a respeito do aluno para a realização de seu programa escolar e domiciliar. Visamos detectar quais os aspectos trabalhados são significativos para a família. Com isso, conseguimos maior engajamento da família com a escola e tornamos os programas mais próximos das necessidades dos alunos e de seus familiares.

Convidamos a grande família (pais, irmãos, tios, avós, vizinhos, amigos etc.) e professores, para vir à escola e realizar o MAPA DE COMUNICAÇÃO. O convite é confeccionado com o aluno e distribuído aos convidados.

Procuramos desenvolver todo o processo de forma descontraída, lúdica, como se fosse uma festividade para o aluno. A autora do **Livro del Oso**, Dra. Maria Bove, ressalta a importância desta festividade e da valorização do aluno.

Dentro da metodologia do **Processo del Oso** os dados são organizados e registrados de forma a facilitar a visualização e a promover o aspecto lúdico. Fizemos algumas adaptações para a adequação à nossa população e

profissionais, de forma que o apresentado difere, em parte, do proposto pela autora.

Inicialmente é proposto aos convidados pensar em uma figura, com a qual eles identificam o aluno e onde serão projetados os dados do mapa. Nos mapas de nossa escola apareceram figuras tais como: bandeira do Brasil, coração, fogão, passarinho na gaiola.

A figura é desenhada, muitas vezes, por um dos convidados, em um grande papel. Escrevemos nesta folha os dados levantados pelos convidados, iniciando pelas características do aluno, o que ele gosta, o que ele não gosta, seus medos, seus desejos e os desejos que os convidados têm em relação ao aluno, seus sonhos e os sonhos que eles projetam para o aluno.

Os dados são escritos dentro de figuras que representam cada um dos itens analisados:

- *características do aluno*: escritas dentro e ao redor da figura escolhida;
- *gosta*: rosto feliz;
- *não gosta*: rosto triste;
- *medo*: fantasma;
- *desejo*: estrela;
- *sonho*: nuvens.

O resultado final do processo é um bonito esquema que retrata o aluno sob a visão de sua grande família, fornecendo à escola os dados necessários.

Ao término do mapa de comunicação elaboramos o *Livro do Aluno*, que conta a história do aluno, como se fosse passada dentro daquela figura eleita pelos convidados; a figura compõe a capa do livro e a primeira página onde é introduzida a história e as características do aluno. Por exemplo: Era uma vez um menino de quatro anos, com perda profunda bilateral e visão sub-normal, que mora com sua mãe e sua avó... O livro poderá ser revisto de tempos em tempos, receber novos dados, tais como novas características, sonhos e desejos.

Cada página seguinte enfocará um dos itens levantados: o que gosta, o que não gosta, medos, desejos e sonhos. A família fica com um exemplar do *Livro do Aluno* e outro fica com a escola.

CONCLUSÕES

- O desenho da figura onde será projetado o mapa proporcionará o distanciamento necessário para que fluam livremente no grupo os conteúdos emocionais e afetivos.

- O mapa tornou-se uma boa oportunidade para a escola conhecer a realidade do aluno em sua casa e adequar a programação dele às necessidades e expectativas da família.
- As projeções feitas pela grande família explicitam as expectativas que temos em relação ao aluno e torna possível o trabalho quanto às inadequações destas.
- Os educadores aproveitam os desejos difíceis de ser alcançados para programar com a família todos os passos intermediários a serem vencidos, até que o aluno seja capaz de realizar o que a família deseja. Com isso, elaboram-se as altas expectativas, trazendo para o momento imediato o que de concreto precisa ser trabalhado pelo grupo para o desenvolvimento do aluno.
- A visualização no mapa dos aspectos positivos e potencialidades, muitas vezes despercebidos, gera um efeito emocional no grupo. Notam-se reflexos na diminuição da angústia e da ansiedade da família, no aumento do ânimo para o trabalho com a criança e no aumento das esperanças em relação à obtenção de resultados com o aluno.
- Nota-se um aumento do entrosamento da família com a equipe da escola.
- Na maioria de nossas famílias existe uma sobrecarga para a mãe, ou para quem assume esta função, em relação ao trabalho, responsabilidade e cuidados com o aluno. A convocação, presença e participação da grande família tem a finalidade de conscientizar a todos da necessidade da divisão do trabalho a ser realizado com o aluno, que na grande maioria das vezes não pode ficar a cargo somente da figura materna.

Este projeto é em parte assistido pelo programa Hilton/Perkins da Escola Perkins para cegos.

Watertown Mass. U.S.A. O Programa Hilton/Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton de Reno, Nevada U.S.A.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOVE, M. Comunicação do surdocego pré-lingüístico. In: *Consultoria sobre Comunicação para a ADefAV-Associação para Deficientes da Audiovisão*, pelo Programa Hilton/Perkins para a América Latina da Perkins School for the Blind. São Paulo, 1996. (não publicado)
- DIJK.V. The first steps of the deaf-blind children towards language, 1965. In: *Proceedings of the Conference on the Deaf-Blind*. Denmark,. Boston: Perkins School for the Blind, 1996.

- DIJK, V. The non-verbal deaf-blind child and his world. His outgrowth toward the world of symbol. In: *L'errmelde Studies*. Institute voor Doven, St. Michielsegestel, 1968.
- FREEMAN, P. *El bebe sordo-ciego: um programa de atención temprana*. Madrid: O.N.C.E., 1991.
- STILMMAN, R., BATTLE, C. W. *El desarrollo de la comunicacion pré-lingüística em los deficientes profundos: uma interpretacion del método Van Dijk*. Seminars in Speech and Language, Vol. 5. Aurora Suengas Goenetxea (trad.) Madri: Fundación O.N.C.E.,1984.

HISTÓRIA DO MENINO CERÚMEM

*Edite Terezinha da Silva, Ione Machado, Lúcia Helena Gomes,
Márcia Ribeiro da Cruz, Maria Inêz M. Cardoso e Nely Matter**

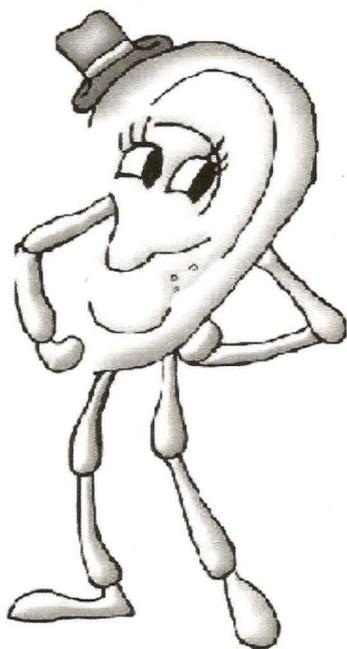
A organização desta história, bem como os itens referentes aos cuidados e prevenções na área da surdez, surgiram com a necessidade de atender à solicitação de um trabalho preventivo, na disciplina de Políticas de Prevenção à Surdez, ministrada pela Fonoaudióloga Dra. Maria Cristina Simonek, no curso de Estudos Adicionais do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES, CEAD/2000).

A elaboração desse trabalho priorizou a criança, tanto surda quanto ouvinte, em relação a:

- hábitos de higiene e cuidados com as orelhas;
- a importância da presença do profissional habilitado na área em questão;
- cuidados necessários para a colocação do aparelho AASI;
- cuidados para manter uma boa audição;
- principais doenças que levam à surdez;
- indicativos de riscos de perdas auditivas.

A diagramação e arte final foram realizadas no próprio INES, tendo como apoio as tecnologias disponíveis na Divisão de Informática (DINFO) e no Serviço de Informática Educativa (SINFE).

*A equipe autora deste trabalho é composta pelas alunas do CEAD/2000.



HISTÓRIA DO MENINO CERÚMEM

PREVENÇÃO DA SURDEZ

Autoria:

Edite T. da Silva (revisão final)

Ione Machado

Lúcia Helena Gomes (montagem e ilustrações)

Márcia R. da Cruz

Maria Inêz M. Cardoso

Nely Matter (diagramação e arte final)

Orientadora: Fonoaudióloga Dr^a. Maria Cristina Simonek, professora de Políticas de Prevenção à Surdez no Curso de Estudos Adicionais (CEAD). INES, CEAD/2000. Rio de Janeiro/RJ.

PERSONAGENS



CERÚMEM



MAMÃE
BIGORNA



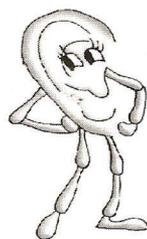
PAPAI
MARTELO



PROFESSORA
CÓCLEA



DR. OTORRINO



DRA. ORELHA

ESCOLINHA OSSICULAR



TÍMPANO



ESTRIBO



TUBA

CERÚMEM



Bom dia, Cerúmem!
Que bom!
Hoje é seu primeiro
dia de aula!



Vamos, Cerúmem,
não podemos chegar
atrasados na escola.



Escola Ossicular



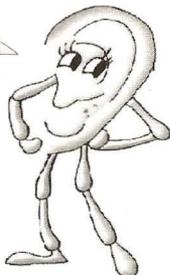
Dormi
muito!



Eu brinquei.



Bom dia! Eu sou a
Professora Cóclea.
O que vocês fizeram
nestas férias?



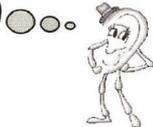
Comi
muito
chocolate.



Eu
viajei.



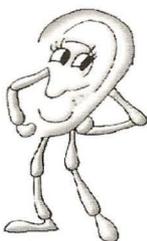
?????
????



TÍMPANO CURIOSO
PERGUNTA:



Tia, quem é esse menino,
que está ali na sala?
Por que ele não fala
com a gente?



???, ... será que preciso
conversar com o
Dr. Otorrino?

NO PÁTIO, TUBA E ESTRIBO
TENTAM DIALOGAR COM
CERÚMEM:



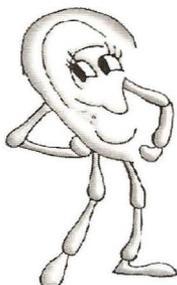
Qual é o seu
nome?



Vamos brincar
menino?



A PROFESSORA
PREOCUPADA...



Mamãe Bigorna!
Seu filho Cerúmem está
com problemas em casa?
Por que não brinca como
as outras crianças...??

PAPAI MARTELO, SAI NA
DEFENSIVA DE SEU FILHO:



Professora Cóclea!
Ele é muito pequeno.
Ele não tem idade.
Ele é muito tímido.

A PROFESSORA CÓCLEA, SUGERE PROCURAR O MÉDICO
DR. OTORRINO PARA AVALIAR O SILÊNCIO DO MENINO CERÚMEM

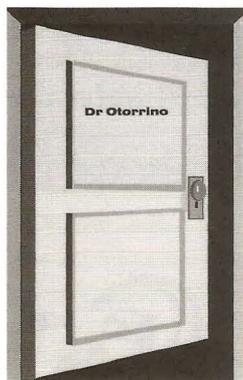
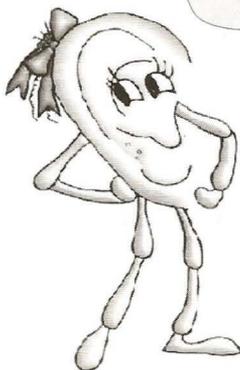


Precisamos
pensar
no assunto!

MAIS TARDE...

Mamãe Bigorna!
Seu filho já teve
sarampo, catapora,
caxumba, meningite?

Não, Dr. Otorrino.
Ele foi vacinado.



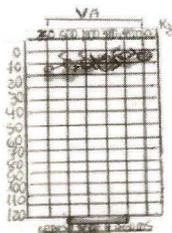
Na sua gravidez, a senhora teve rubéola, sífilis ou, qualquer outra doença?

Eu não tive nada. ... só umas pintinhas vermelhas no corpo. Eu acho que foi uma intoxicação.

Vou encaminhar Cerúmem para um Especialista para verificar se tem algum problema na audição.

HORAS DEPOIS NO CONSULTÓRIO FONOAUDIOLÓGICO DA DR^A ORELHA, CERÚMEM É ATENDIDO ...

Vamos fazer uma audiometria ...

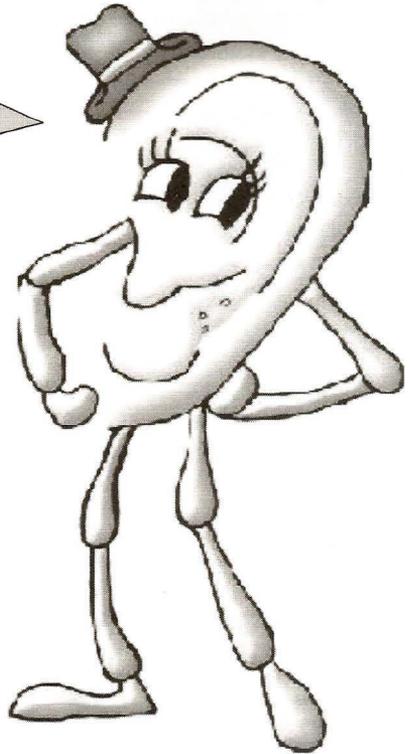


Mamãe e papai! O Cerúmem não tem nada demais! Vamos fazer uma limpeza no ouvido do Cerúmem e desta forma ele poderá ouvir melhor e se comunicar com seus coleguinhas...

PASSADOS ALGUNS DIAS ...

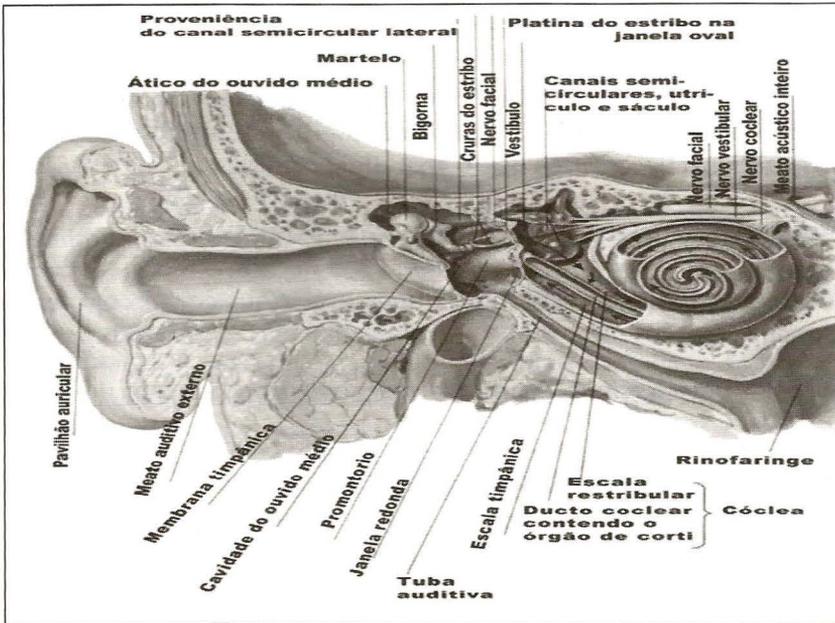


Oba!
Que maravilha!
Como é
bom escutar...



FIM

ORELHA



PARA MANTER UMA BOA AUDIÇÃO VOCÊ NÃO DEVE:

- usar objetos pontiagudos para limpeza mais profunda; somente médico otorrinolaringologista deve fazer isso.
- trabalhar em ambientes ruidosos sem protetores auditivos adequados;
- ingerir medicamentos em quantidade errada pode causar surdez; obediça à indicação médica;
- deixar de ler a bula;
- esquecer de usar os protetores de natação;
- tomar banho em água suja ou contaminada;
- usar aparelhos de som do tipo *walk man*.

FIQUE ALERTA COM:

Dor de ouvido, zumbidos, sensação de ouvido tampado, secreção e tonturas. Procure um médico especialista.

CUIDADOS COM A COLOCAÇÃO DO APARELHO AASI

- Os pais exercem papel fundamental no processo de adaptação, sendo que o tempo varia para cada criança; a determinação e o envolvimento positivo da família e da escola, também têm vital importância.
- A família tem o compromisso de participar do acompanhamento, realizado pelo especialista (fonoaudiólogo), que orientará quanto aos cuidados necessários que o aparelho requer.

PRINCIPAIS DOENÇAS QUE LEVAM À SURDEZ

Rubéola — Manchas vermelhas que surgem no corpo com febre altíssima.

Sífilis — Doença venérea transmitida para o feto ainda dentro do útero.

Citomegalovírus — Irritação na pele com presença de febre, alergia, que infecta o feto intra-uterinamente ou após o parto.

Herpes — Infecção do trato genital que contamina mãe-bebê durante o processo do nascimento.

Sarampo — Pontinhas avermelhadas com presença de febre alta.

Meningite — Febre muito alta e persistente.

INDICATIVOS DE RISCO PARA PERDAS AUDITIVAS

Asfixia — Toxoplasmose, má formação do feto, hiperbilirrubinemia, histórico familiar, coqueluche, baixo peso, pneumonia, mastoidite, escarlatina, consequência de uma queda.

DRAMATIZAÇÃO SILENCIOSA

Márcia Elisa Fraga Gomes * e Vanda Robaina Neumann**

"A surdez por si mesma não poderia ser um obstáculo tão penoso para o desenvolvimento da criança surda... a falta de linguagem é um obstáculo muito grande nesta via. Por isso, é na linguagem, como núcleo do problema, onde se encontram todas as particularidades de desenvolvimento da criança surda."

Vigotsky (1989).

Desde a antigüidade, o teatro desempenha um importante papel na sociedade; a arte permite ao homem encontrar o seu próprio eu, recriando e transformando o mundo à sua volta. O surdo, possuidor de um código lingüístico diferente, a Língua de Sinais — viso-gestual e ágrafa — possui um grande potencial para as dramatizações, devido à habilidade de comunicar-se corporalmente, através da mímica, da pantomima, das expressões faciais e outros. Lulkin (1997), refere que:

"A comunidade de surdos faz do teatro uma manifestação cultural, onde não está presente a língua falada, como conhecemos e utilizamos. A Língua de Sinais existe dentro da expressão teatral como uma das formas possíveis de fala, ou como linguagem performática que extrapola o código lingüístico, adquirindo formas novas, alterando significantes que metaforizam seus significados. A mímica, a pantomima, os códigos inventados, a transformação corporal, a habilidade de disfarce e a criação improvisada não são possibilidades dependentes de uma língua e sim de uma cultura e das linguagens permitidas/legitimadas dentro da comunidades desses atores."

Com a finalidade de explorar as habilidades dos surdos, as recém formadas fonoaudiólogas Márcia Elisa Fraga Gomes e Vanda Robaina Neumann, sob a coordenação da fonoaudióloga Marlene Canarim Danesi, desenvolveram na escola Lilia Mazon em Porto Alegre, um grupo de teatro direcionado para adolescentes e crianças surdas, com o intuito de desenvolver as potencialidades dramáticas; aperfeiçoar a cognição, estimulando a formação de conceitos mentais, através de situações dialógicas, utilizando a linguagem expressiva e compreensiva (escrita ou a Língua de Sinais) como estímulo e proporcionar um contexto interativo e cultural para os próprios surdos, favorecendo o aumento do repertório lingüístico destes.

O enfoque utilizado segue os conceitos da visão sócio-interacionista defendidos por Vigotsky (1998). Para esse autor, a atividade grupal é extremamente enriquecedora, pois um indivíduo serve de estímulo para o outro, havendo trocas que contribuirão para a exploração e a vivência de

* Fonoaudióloga graduada no Instituto Metodista de Educação e Cultura (IMEC) — estágio curricular em Surdez e Voz. E-mail: melisa@portoweb.com.br.

** Fonoaudióloga graduada no Instituto Metodista de Educação e Cultura (IMEC) — estágio curricular em Surdez e Linguagem.

diversos contextos interativos. Vigotsky considera a linguagem como um fenômeno sociocultural e a aprendizagem como propulsora do desenvolvimento. Na interação entre a criança e o meio, ocorrem os processos de aquisição de linguagem, que não se restringem apenas a um meio de comunicação, mas tem como papel principal constituir o pensamento do indivíduo.

OBJETIVOS DA PROPOSTA

- Proporcionar a interação do surdo com seu meio, ativar o seu papel de interlocutor e produtor de discursos dentro das suas língua e cultura.
- Estimular as potencialidades artísticas e dramáticas do surdo, através da própria criação de roteiros, textos, cenários, figurinos e outros, gerando uma ação que é mais que uma reação, isto é, uma ação pessoal e ao mesmo tempo coletiva.
- Favorecer ao surdo, através da prática de dramatização, vivenciar, relacionar e transferir os conhecimentos adquiridos e experiências vividas na cultura surda, correlacionando realidade, fantasia e simbolismo.
- Proporcionar, num contexto interativo com participantes lingüístico-cognitivo heterogêneo, a aquisição de troca de conhecimentos tanto na esfera lingüística, como na da cognição e na da socialização.

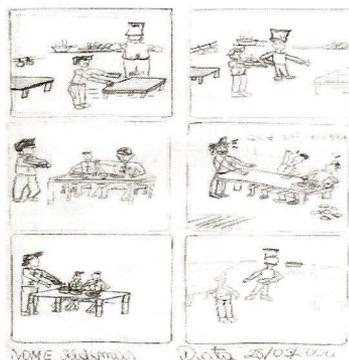
Para atingir os objetivos propostos, foi estabelecido o seguinte programa dividido em módulos:

MÓDULO 1

a) Apresentação de filme: os participantes assistem ao filme previamente escolhido pelas fonoaudiólogas, de Charlie Chaplin, no qual podem vislumbrar que é possível transmitir o que pensam e sentem, sem o uso da palavra falada.

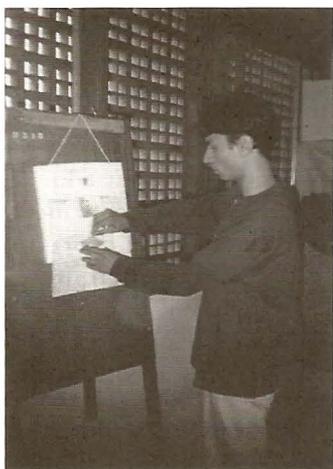
b) Discussão: relatos e registros do que observaram e consideraram importantes no filme. Nesta etapa aproveitamos para induzir os participantes para a exploração dos papéis que gostariam de exercer na produção do filme ou da peça teatral.

c) Representação gráfica: nessa atividade os participantes realizam a reprodução gráfica do filme, através de desenhos, histórias em quadrinhos ou textos, onde cada cena do filme é reproduzida.



d) Representação dramática: terminada a reprodução gráfica, os participantes tentam imitar e representar da melhor forma possível as cenas do filme. Nesse momento verificamos que são necessários vários profissionais para a realização do filme, tais como diretor, ator, iluminador, cenógrafo, figurinista, montador e outros. Além da representação propriamente dita, é possível trabalhar também a ampliação do vocabulário, com a introdução de palavras novas no repertório lingüístico dos surdos.

ESCOLHA DO ELENCO



MONTAGEM DO CENÁRIO



DRAMATIZAÇÃO



MÓDULO 2

- a) Criação de roteiro do texto: depois de terminado o primeiro módulo, passamos para um estágio mais avançado, no qual os participantes são incentivados a criar e a escrever um roteiro que achem interessante ou algum fato de sua vida, com a finalidade de alcançar a motivação, seqüência lógica de fatos e a concatenação das idéias na produção dos textos.
- b) Representação gráfica: a partir da história criada pelos participantes, estes deverão desenhar em forma de quadrinhos, as cenas imaginadas no texto produzido.
- c) Representação dramática: idem ao Módulo I.

O trabalho fonoaudiológico com os surdos, utilizando a dramatização como recurso, representa uma proposta alternativa dentro da área da Fonoaudiologia, onde ainda há muito a ser desenvolvido e pesquisado. As autoras pretendem assim, colaborar com uma mudança positiva nos conceitos e rumos da Fonoaudiologia em relação à surdez, deixando de conceber o sujeito surdo como deficiente, mas, como um indivíduo diferente e, acima de tudo, capaz. No que se refere ao âmbito terapêutico, este projeto representa uma proposta alternativa, que proporcionará ao surdo não somente ganhos na área da linguagem, como também na sua função constitutiva de sujeito social e único.

QUE PALAVRA FALTOU EM SEU TEXTO?

Maria Lúcia Martins da Cunha*

Toda escola deve ter o compromisso de educar para a cidadania, ampliar o conhecimento de seus alunos e contribuir para seu desenvolvimento crítico. Em busca desse objetivo, o Serviço de Informatização Educacional, do INES participou do projeto “Quem lê jornal sabe mais”, com a turma 702, tendo como tema: O reconhecimento de nosso espaço vivido.

Partindo de questões mundiais que denunciam as injustiças sociais, registradas nas lentes de Sebastião Salgado com o PROJETO ÊXODOS, em diversos países, inclusive no Brasil, e prosseguindo com o trabalho de conscientização social, resolvemos avaliar nossa comunidade e os problemas que enfrenta, assim como olhar de forma diferente e mais solidária a realidade que nos cerca.

Ao navegar no site de Sebastião Salgado percebemos que o problema é mundial e uma pergunta fica latente:

Por que tantas pessoas migram do seu espaço vivido, procurando um espaço mítico que nem sempre se torna real?

Sem pretender fechar esta questão que envolve as migrações humanas e suas conseqüências, resolvemos avaliar criticamente esta mesma situação em nível nacional e local. Para isso, usamos a leitura de jornais *on line*, procurando notícias sobre o movimento dos sem-terra, sem-teto, trabalho infantil e outras mazelas de nossa sociedade injusta.

Procurando mostrar que a pobreza está bem ao nosso lado, e nem sempre percebemos, caminhamos pelas Ruas de Laranjeiras, pelo Largo do Machado e visitamos uma comunidade popular chamada Pereirão. Nestes lugares entrevistamos e fotografamos pessoas que trabalham nas ruas por não terem emprego, que são: moradores de rua, catadores de papel, crianças vendendo doces no trânsito e o mais impressionante: crianças pedindo esmolas para mães que fingem passar. Muitas sutilezas... nem sempre percebidas por nossos alunos de imediato. A grande lição de cidadania recebida por estes alunos com este trabalho foi conhecer um pouco mais de perto a vida lá fora, tão comentada, mas tão pouco estudada.

As entrevistas foram feitas em Língua de Sinais, tendo intérpretes e professores junto aos alunos, para facilitar a tradução. No



Foto: Sebastião Salgado

*Professora de Informática Educativa do SINFE e professora de Português/Literatura.

Laboratório de Informática escanearam as imagens capturadas das ruas e criaram textos narrativos a partir das entrevistas e de suas impressões sobre os fatos vividos e percebidos. Ao usarem a língua em sua modalidade escrita, nem sempre conseguiram registrar algumas impressões e sentimentos vivenciados, preciosamente descritos em sua língua natural, a Língua de Sinais.

As atividades vivenciadas devem ser muito exploradas na educação da pessoa surda, por serem experimentadas em todos os sentidos, o que atende às necessidades de aprendizagem destes alunos.

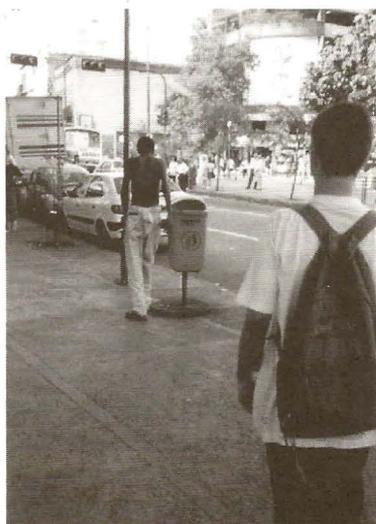
Muitas vezes esbarraram em algumas palavras e, para justificar sua importância dentro de um texto, destaco um trecho de *PALAVRAS* de Pablo Neruda:

“Tudo está na palavra...Uma idéia inteira muda porque uma palavra mudou de lugar ou porque outra se sentou como uma rainha dentro de uma frase que não a esperava e que lhe obedeceu...”

O texto de nossos alunos revela o quanto uma palavra perde ou ganha novos sentidos nos diferentes contextos. É um texto próprio de um aprendiz de segunda língua, mas, com certeza bem consciente do que escreveu, porque viveu.

O despertar da consciência cidadã não se desenvolve uniformemente, é pessoal, de acordo com as oportunidades de cada pessoa ao longo de sua vida, por isso a escola, enquanto espaço democrático, não deve perder a oportunidade de partilhar o saber humano, proporcionando experiências significativas que enriqueçam o desenvolvimento integral de nossos alunos.

A SEGUIR ALGUMAS PRODUÇÕES DA TURMA 702:



Homem comendo lixo

Eu chamou o homem susto, o homem está fome procurando comendo de lixo.

Não tem casa, também não trabalhar.

Denilson e Emiliane

Ela estava mora em Minas Gerais, dizer o trabalho não adianta. Porque o salário pouco dificil para pagar coisa não conseguir. Que ela jamais na vida a melhorar. Ela veio no Rio de Janeiro, que achar, poder ser demais de vida a saúde que ela dizer salário muito bem. Quer bem — vindo!!!!!!

Patricia Fernandes e Jaqueline



Homem e muito pobre fora rua
Ele não estou roubando. Como homem é jovem. Homem tem fome. Aproveitou pegar no lixo mas as prefeituras não ajudam nada. Ele não tem morar na casa ou trabalho dorme na chuva. Sozinho na rua. Homem estou dormindo na rua em Rio de Janeiro bairro Laranjeiras perto INES.

Debora

Vendedor de Pano de chão
Alcimar nasceu no Rio de Janeiro, morado Caxias, tem família, estuda, também esposa, tem um filho, ele primo um surdo. Porque você vendendo panos? Precisar dinheiro? Mas errado, precisar outro trabalho certo. Exemplo Loja e Padaria.

Tati e William



ESTUDANDO BIOLOGIA ATRAVÉS DA INFORMÁTICA

Monique de Mattos Couto e Maria Lúcia Martins da Cunha***

O trabalho com uma proposta interdisciplinar é uma das formas de inserirmos a Informática Educativa na escola, dentro da perspectiva de construção do conhecimento; o computador é usado como mais um recurso, deixa de ter um fim em si mesmo e passa a ser um instrumento da aprendizagem.

Estamos vivendo uma época de grandes avanços tecnológicos. E a escola como está acompanhando este avanço? A escola não pode ficar de fora, existe um novo meio de processar informações, mas não devemos cair no erro de pensar que só a presença do computador determina tudo; nada substitui o professor, que com sua criatividade determinará o uso desta máquina.

Para começar, o professor precisa mudar os paradigmas do que é ensinar e do que é aprender, fazendo com que cada vez mais os alunos questionem, pesquem, duvidem, pois só assim buscarão suas próprias conclusões.

O laboratório de Informática Educativa, compreendendo que deva existir uma relação estreita com a sala de aula, está desenvolvendo uma proposta interdisciplinar com Biologia, onde o objetivo é pesquisar, debater e aprofundar questões usando os aplicativos comuns e a Internet como fonte de pesquisa, informação e comunicação. Os alunos retomam, no laboratório de Informática, as idéias tratadas em sala de aula, como o que ocorreu com alguns aspectos do Estudo de Populações, com uma turma do segundo grau.

Pretendendo debater e problematizar os motivos que geram os movimentos de migração humana. Foi encaminhada uma conversa com o grupo de alunos, a fim de iniciar a discussão, levando em conta a realidade vivida por estas pessoas.

Dialogando com os alunos em sala de aula:

PROF^a(P): Por que há um número tão grande de pessoas nas grandes cidades, como Rio e São Paulo?

TURMA(T): Há superpopulação humana nas grandes cidades porque há muitos nascimentos e muitas pessoas procuram trabalho e estudo nestes lugares.

P: Vocês todos nasceram aqui no Rio?

T: Sim.

*Professora de Biologia do INES.

**Professora de Informática Educativa do Serviço de Informática Educacional do INES (SINFE) e professora de Português/Literatura.

Adriano — aluno (A): Não, eu nasci em Pernambuco.

P: Por que você veio para o Rio de Janeiro?

A: Eu e minha família viemos para o Rio de Janeiro procurando trabalho, estudo e melhores condições de vida. Em minha região a vida é muito dura, há muito sol e calor, a terra fica seca e não conseguimos manter as plantações, os animais e a pouca água que temos é marrom — de má qualidade.

P: Você gostaria de voltar para sua região?

A: Sim, se as condições de vida melhorassem.

P: Será que há muitas pessoas no Rio e São Paulo que como Adriano, vieram para a cidade grande atrás de melhores condições de vida?

T: Provavelmente sim.

P: Será que todas as pessoas que vêm para as grandes cidades encontram melhores condições de vida?

T: Não, muitas pessoas moram em favelas, sem água ou esgoto, não tem boa alimentação e nem sempre conseguem trabalho e, às vezes, transformam-se em bandidos, roubando ou mesmo vendendo drogas.

Este diálogo foi traduzido de LIBRAS para a Língua Portuguesa.

Aproveitando a mostra fotográfica de Sebastião Salgado pela Internet aprofundamos a questão da superpopulação nas grandes cidades e os problemas surgidos pela falta de infraestrutura desses centros, utilizando fotos de megalópolis e de movimentos de luta pela terra do Projeto Êxodos. Lembrando do relato do Adriano sobre a migração de sua família pernambucana para o Rio de Janeiro, foi proposto que fizessem um texto com a imagem da luta pela terra (MST).

Esse é População, eles estão reclamar para Governador que querem terra. (Wagner 1202)



Produzindo com Êxodos
(mostra fotográfica de
Sebastião Salgado pela
Internet)
Proposta interdisciplinar
— Informática Educativa/
Biologia — horário de
agenda

O povo está muito feio, mas precisa um pouco de trabalho por isso família, mas ter problema FHC não respeita o povo também, ele não faz ajuda por causa do trabalho. O povo quer ficar próprio com a terra, mas o governo não deixa sem terra, o governo precisa ajudar um pouco sem terra também na casa.

(Rodrigo T. 1202)

Os pessoas sempre muito de greve porque precisam de Terra, salário, trabalho, estudar, médico. Eu sinto de problema FHC

(Adriano T. 1202)

Está lutando muito de greve, e agricultura o torcida.

Porque é muito sem terra, a pessoa tem problema por causa do dinheiro, estava muito o pobre. Sem trabalho não para a rua.

(Michael T. 1202)

As pessoas querem com o trabalho na sem-terra.

Eles são muitos reclamação, não tem moradia na terra.

Não melhor, as pessoas precisam, trabalham, porque eles precisam de dinheiro com as casas, os comidos, as escolas, etc.

Os rapazes muitos sofres.

(Claudiane T. 1202)

DESCOBRINDO A POPULAÇÃO DO INES

Voltando à sala de aula resolvemos montar uma entrevista para conhecermos melhor a população do INES, retornando o debate do mundo mais distante para o mundo mais próximo. Buscando a identificação do conhecimento acadêmico com o conhecimento vivido. No laboratório de Informática, os alunos da turma 1202 produziram textos usando o *word* e escanearam as fotos correspondentes, a partir das informações coletadas através das entrevistas feitas com a professora de Biologia.

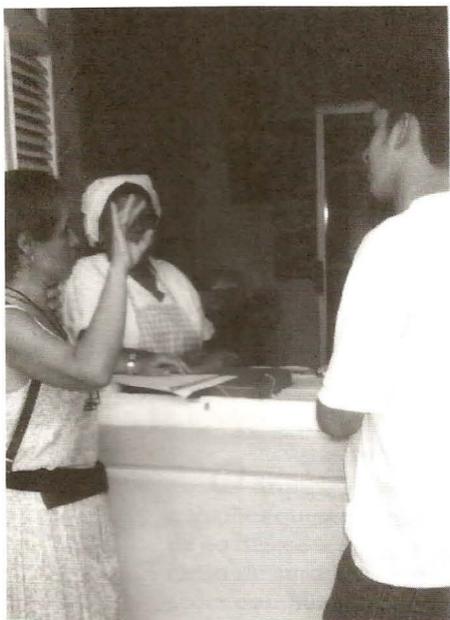


Minha mãe: Darci Alexandre dos Santos, nasceu Pernambuco, aqui mora Jacarepaguá.

Há 20 anos, Rio de Janeiro por que a situação lá financeira era muito ruim, está trabalhando a costureira, aprendeu com a mãe.

Lá tem parentes. Vai visitar um vez por ano. Mãe não quer voltar para lá, Rio de Janeiro melhor, tem 4 filhos.

Alunos: Adriano e Michael



Maria Jesus, nasceu do estado Bahia, em São Gonçalo dos Campos. Hoje mora no Rio, Município de Nilópolis, casa. Ela veio para o Rio junto com irmã que ia casar. Por isso marido por trabalho que ter anos sair seu estado: 28 anos. Ela fez trabalho porque ajuda cozinheira no INES por causa filho dela. Maria quer ficar porque ela está muito melhor RIO. Não visita parentes porque falta dinheiro. Ela gosta volta Bahia só passear. Maria parou estudar 4ª série que tem 2 filhos. Um estuda INES.
Aluno: Rodrigo França

Maria da Conceição Júlia, nasceu em Espírito Santo vem para Rio de Janeiro mora em Del Castilho. Está aqui 30 anos, vida lá era muito difícil, uma colega arrumou trabalho no INES, antes já trabalhei em churrascaria como ajudante de cozinha. Ela tem parente em estado, gosta de voltar para o estado, porque a vida lá é mais calma do que no RIO. Porque lá o futuro dos meus filhos seria melhorar. Tem 4 filhos, não quero que meus filhos sejam, o que eu já fui. Quero com futuro melhor para eles. Estou aprendendo a ler agora, na minha infância não tinha escola onde morava. Problema maior do lugar onde mora atualmente é a violência, a polícia é pior do que os bandidos. Chamam os moradores vagabundos.

Alunos: Wagner e Rodrigo Martins





O Arqueiro tem como objetivo a divulgação de trabalhos que relatem a experiência prática desenvolvida no dia-a-dia por profissionais ligados à área da educação de surdos e/ou afins, visando o intercâmbio de ações e ampliando conhecimentos.

A Comissão de Publicação, deste periódico, aguarda a colaboração dos profissionais que tenham interesse em ter seus trabalhos divulgados, mantendo a tônica da publicação.

Sua distribuição é gratuita e nosso endereço para correspondência é:

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

Rua das Laranjeiras, nº 232/3º andar
Rio de Janeiro — RJ — Brasil — CEP: 22240-001
Telefax: (0xx21) 285-7284
E-mail: ddhctl@ines.org.br





Aula de linguagem das classes adiantadas
Década de 30 — INES

Capa: Imagem de referência: *O cortejo de Dionísio*.
Baixo-relevo, Museu Nacional de Nápoles

**GOVERNO
FEDERAL**

**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**

